

## “HEROÍNAS DA FICÇÃO AFRICANA - ENTRE A GUERRA DA CULTURA E A CULTURA DA GUERRA”

LAURA AREIAS

(Universidade de Tulane-New Orleans)

Ao iniciar os estudos de cultura africana, um certo tipo de personagem tanto da ficção literária como cinematográfica da África francófona, me deixou particularmente impressionada. Aliás mais intrigada que impressionada. Eram as heroínas de primeiro ou segundo plano, de tal modo fascinadas pela cultura do colonizador que renegavam as suas origens, os seus próprios pais, a terra onde nasceram, as suas crenças. Mas ao adotarem os modelos estrangeiros, toda a sua nova postura cheirava a postiço, oferecendo-se ao desprezo de autores ou até de outras personagens da ficção literária, ou cinematográfica. Interroguei-me então sobre a natureza das mulheres citadinas da mesma condição, da ficção afro-lusófona, politicamente independentes desde 1975. Havê-las-ia estrangeiradas e alienadas como as “ex-gaulesas”? Que herança teriam recebido do colonialismo, que efeitos a guerra civil, ainda recente em Moçambique ou em constante ameaça em Angola, as teriam marcado? Com que armas lutariam ou que força usariam para subsistir numa sociedade nova e festejar a vida tão martirizada? Que clima se viveria na cidade de Maputo, enquanto um romance como *Terra Sonâmbula* mostra um país (o norte ou o interior) devastado pela guerra?

São estas as questões a que tentarei dar resposta neste breve trabalho analisando como exemplo de aculturação francesa a personagem Mme. Diatou do romance *L'Appel des Arènes* da senegalesa Aminata Sow Fali, publicado em 1982 e contrapondo-a a duas outras da mesma condição, da obra *Cronicando* do moçambicano Mia Couto, escrita na mesma década, durante a guerra civil.

Segundo Karen Wallace as primeiras imagens femininas da ficção africana francófona, até cerca de finais da década de 50, retratadas por ficcionistas masculinos, são: “characterized as the symbol of the mother, the dutifull and obedient wife, or the nubile love goddess, the female character was often portrayed as one dimensional figure, lacking any great literary palpability. The most characteristic and noteworthy feature of these earlier works, however, was

the consistent representation of the african woman as a symbol of strength” (64). Tal observação não se deverá perder de vista ao longo deste estudo.

Madame Diatou, personagem do romance acima referido, cuja acção decorre na vila de Louga, 200 km ao N. de Dakar, é enfermeira chefe na maternidade do hospital, casada com um médico veterinário formado na Europa e respeitado profissionalmente, e mãe do jovem Nalla. Diatou corresponde a esse processo de construção de que é acusada a ficção anterior a Independência - a lhanês, o tratamento estereotipado e falho de profundidade literária: as chamadas personagens planas.

A tensão instala-se no triângulo familiar Pai, Mãe, e Filho quando os sonhos que ela tinha fabricado e esperanças postas na criança começam a desmoronar-se porque o filho não partilha das mesmas ambições. Sonhos construídos desde a sua permanência em Dakar para continuar os estudos secundários e onde conheceu o futuro marido, distinto estudante também, que a levará para a Europa onde freqüentará a Escola de Puericultura. Ainda menina, filha de uma grande família, inicia a sua metamorfose, fascinada pelo individualismo e pela liberdade que muito convirá à sua condição de mulher e africana: liberdade de ousar, de empreender e de decidir sem ter que consultar os mais velhos. E vai adotando os costumes sociais do Ocidente - treina as cordas vocais para eliminar os agudos, passa a apertar as suas rebeldes banhas traseiras numa mini-sala, a fumar, etc. De regresso à África, os da sua aldeia, incluindo a própria Mãe, passam a ser uns ignorantes e sujos, uma gatinha sem classe nenhuma que vive e cria os filhos como na Idade Média. Ao desprezá-los, é ela própria que é ridicularizada e banida, com a família, pelos companheiros de trabalho e vizinhos. O jovem Nalla, bebê criado com a avó, é violentamente subtraído ao convívio com as outras crianças e suas brincadeiras, com os rituais, com as tradições - o Paraíso da Infância. Até ao próprio mestre do filho, Mr. Niang, doce e paciente, ela ofende e escorraça impiedosamente, por sabiamente dosear a modernidade com a tradição.

Nada do que definia a antiga heroína da obra poética ou narrativa dos primeiros escritores aqui se encontra. Pelo contrario, as características tradicionalmente atribuídas a mulher africana são substituídas por frigeidez, troça dos hábitos de conduta ancestrais, obstinação que não se pode confundir com a antiga fortaleza, ânsia incontrolada do poder, desafio irônico a autoridade masculina. Parece não sofrer como o marido, pai também, o conflito das mudanças no continente Africano que lhe afeta pais e filho, a geração anterior e a descendente da sua. É o homem o caráter indeciso, mais permissível, mais frágil mas com uma dimensão humana muito maior que a esposa. E não se trata de um caso raro na literatura ou no cinema. É nele o dilema entre a tradição que protege o que há de mais profundo na essência

humana - as raízes que nos prendem aos antepassados, á terra, a nossa cultura - e a adoção de formas de viver importadas que, menosprezando os valores morais e humanos, tornam o dinheiro e o poder acessíveis aos homens, em suma: valorizam o material em detrimento do espiritual. Tal é o alerta do pedagogo do jovem Nalla “o mal é universal... Já não há ideal, o que há é a corrida para a escuridão ... O homem sem raízes é como a árvore sem raízes: seca e morre (um homem que perdeu a sua identidade é um homem morto ... ). O que é também uma verdade universal. A árvore que mergulha e fortifica as raízes na terra nutridora que outrora abrigou e absorveu os seus antepassados, é um símbolo de vida. Substituindo as raízes próprias pelas alheias é como viver suspenso por um fio no vazio sem ter onde pôr os pés ... isso é a alienação”, conclui ainda o Prof Niang (Fall, 69,67 - traduções minhas).

É o velho professor que reata o nó entre o jovem e o Pai distante, demasiado absorvido nas atribulações da vida moderna, quando este finalmente resolve partilhar o interesse do filho pelas tradicionais lutas corpo-a-corpo. Mas Diatou, intransigente e obcecada ficará para sempre de fora dos laços humanos que ela própria rejeitou, vencida por essa guerra da cultura alheia.

Passemos á literatura afro-lusófona, e a observar com Mia Couto, como a mulher vive e se afirma a braços com outras guerras - a herança colonial e a guerra civil que terminará cerca de 1993. O tipo sócio-psicológico da assimilada cidadina obcecada pela cultura europeia é substituído. Nada de buscas angustiadas da identidade no país dos antepassados, ou da caça ao homem branco - com vista ao matrimónio, entenda-se bem - só pelo prestígio social da cor (que fazia correr a célebre Nini personagem de Abdoulaye Sadjí, considerado o grande retratista das mulheres do Senegal, ainda sob o regime colonial). Aqui temos antes a caricatura da assimilada em luta por fabricar a sua identidade e adaptar-se a uma nova sociedade, a seu modo: não em nome dos valores de uma cultura universalmente reconhecida, como a francesa, mas pelo seu novo-riquismo petulante, pela sua esperteza subtil ou grotesca em ludibriar e submeter o homem. E também a visão do escritor que se altera trata-se agora de criticar com humor e ironia os desajustes sociais de que ela é protagonista. Luzinha e Lalinha são ambas personagens do espaço urbano, das crónicas de Mia Couto, de 1988-89, primeiro editadas e premiadas em Maputo e publicadas em Lisboa em 1991.

Luzinha, a “Mulher roxa em vestido laranja”, título da crónica (1991, 73-74) subiu de estatuto social quando o marido, o Alcides, e nos falantes da Língua Portuguesa sabemos a carga que tem, ser tratado pelo nome próprio em vez do sobrenome, mais ainda antecedido do artigo “o Alcides transitou de Lada para Toyota” - maneira de dizer que deixou de ser marxista para aderir ao capitalismo, em figura de retórica constante na narrativa para adoçar as feiúras

do novo riquismo, o eufemismo. Ao contrario do assimilado pela cultura francesa cujas preocupações mais urgentes são a higiene e a saúde (donde a luta pela a abolição de práticas ancestrais como a circuncisão e a clitoridectomia caseiras), as “boas maneiras”, a Língua, a Literatura, a Filosofia e a Arte, com Luzinha não se passa tal. Agora esposa de empresário “de vastos business” promove-se “mostradiça em espetáculo de si mesma”: “subiram-lhe os ombros, promoveram-se as pestanas”, o guarda roupa a abarrotar de folhos, lantejoulas e dourados. Quando Luzinha recebe mais um vestido, laranja-lustroso, presente da última viagem do esposo a Europa, sai a pé pela avenida “como convém a um desfile alegórico”: “...a dona se feirava barquejando as ancas. Ela imaginava o pestanejo do mundo descendo sobre o seu rasto”. Mas para seu vexame é confundida com as mulheres da limpeza da rua que usavam farda da mesma cor. Acusa o marido e ameaça-o, comprovando o ditado e antiga prática do casal “mandante na rua, mandado em casa”. No momento de desespero, Luzinha não sossobra, enfrenta-o: mais uma vez “subindo no pedestal do mando, ela passou para a chantagem. Se ele não fizesse ela denunciaria seus esquemas, subornos, notas por fora da manga”. Ainda ao contrário de certas heroínas afro-francófonas, a própria Diatou ou Ken, do romance autobiográfico *Le baobab fou*, que se incompatibilizaram com a sua (pequena) terra natal mas não se sentiam menos estrangeiras na França ou na Bélgica, Luzinha, entre festejos e cerimônias oficiais, está perfeitamente onde está. Se ha algo errado, o mundo e que tem de mudar: “ - Pois ficas sabendo: não sou eu que vou mudar de vestido (... ) ... tens bons conhecimentos lá em cima, vais escrever a pedir que mudem a farda dessas mulherzinhas”. E é com desafio e frontalidade que Mía Couto resolve, com boa dose de sarcasmo, o principio deduzido por Karen Wallace da escrita de Sambène sobre a mulher “a dynamic being, who must constantly struggle to redefine her perception of self in the developing African continent and in the world” (64-65), e não deixando de reafirmar o símbolo da fortaleza que representa a mulher africana.

O texto seguinte, a crônica “Entre a Missa e as Misses” (113-16) está construído sobre um equívoco. Lalinha desde criança encara a discrição, o asseio, o cumprimento, o estudo e a honestidade - o que corresponde a primeira parte, a Missa: em menina “nem o vestidinho ela suja parece brincar sempre longe do chão”, mas não havia a mãe que recear da sua pureza “tão cobiçada dos olhos malandros da rapaziada” porque “Lalinha não saía da linha, vidrada só nos estudos”. Esta filha-modelo em que uns Pais conservadores se reviam não oferecia qualquer tipo de preocupação porque o seu caminho não variava entre a casa e a escola, e ao domingo, a missa, Daí a inutilidade dos insistentes conselhos e precauções com os perigos das doenças sexuais, enunciados em clichês bem ao gosto da respectiva mentalidade e geração “[o pai] bem

informado quanto é escorregadio o piso da vida” - *indícios* que, a par dos encarecimentos com que a personagem é caracterizada, põem o leitor de sobreaviso para a ironia que em breve eclodirá. Incitado pelo seu Diretor a assistir a finalíssima dum “vergonhoso” concurso de beleza, “um atentado contra a dignidade feminina” da Mulher moçambicana, que apesar de tudo tem lugar, em plena crise, em Maputo, o Pai é quem mais sai derrotado da batalha perdida “cansado de ser homem” quando reconhece Lalinha no palco entre as concorrentes. Triplamente enganado pela hipocrisia da filha, descobre ainda que o Diretor era seu amante e sofre o vexame do equívoco duplo e irônico porque só é parcialmente verdade: “Você também me saiu um bom malandro. Francamente não esperava isso de si. Eu, ainda vá lá. Mas você, com essa idade, quase podia ser pai dela” - o Diretor confundirá paternidade com mancebia.

Concluindo, as heroínas dos textos afro-lusófonos não têm as veleidades científicas de Mme Diatou, nem exibem os valores da “mission civilisatrice” da burguesia urbana da ficção francófona. Antes revelam, sua ou alheia, superficialidade, vanidade, exibicionismo, corrupção, dissimulação e delação - antigos costumes já censurados nos Portugueses, no sec. XVI por Gil Vicente, Camões e Sá de Miranda. E cito William Halley “Education is the main instrument for carrying out the French policy of association... This system is designed, on the one hand, to create an elite, inspired by the French ideals of civilization, which will be fitted to take part in the administrativa life of the territory, and, on the other, to provide a popular form of instruction suited to the needs of the masses” (Collins, 201). Segundo os dados recolhidos por Anton Johnston e publicados em *Educational and Social Transition in the Third World*, a herança do colonialismo português em Moçambique foi de 93% de analfabetismo e apenas um número diminuto de quadros ultrapassaram os 4 anos de escolaridade primaria (315), enquanto a rede de escolas francesas ter-se-á estendido muito mais, impondo o culto daquela civilização a força de castigos físicos como testemunha Ken Bugul, no romance *Le Baobab.Fou*, de 1982 (156). Se a França cultivou o seu prestígio cultural, Portugal divulgou, aquém e além-mar, a imagem do seu Império e o poder que isso significava, e para senti-lo não eram precisas muitas letras! Quando Cultura e Poder declaram guerra, os dominados ou são, como Mme Diatou, simplesmente robotizados, um termo moderno para escravatura, ou sabiamente usam dos subterfúgios de subsistência (jeitinho). As personagens femininas de Mia Couto parecem ter bem entendido essa lição de exercício do Poder, com o que isso possa eventualmente implicar de chantagem, hipocrisia e exibicionismo. Mas a escrita daquele revela também o lado positivo na atitude de quem, situando-se dentro das guerras, mas sabendo olhar de fora - o autor - reduz á sátira aquilo que na

escritora senegalesa era pedagogia com sabor amargo de derrota. É a herança de outra atitude que nos faz menos trágicos, o sabermos rir das nossas fraquezas - outra marca que os Portugueses deixaram, agora literariamente falando, na África e no Brasil.

---

## BIBLIOGRAFIA

BUGUL, Ken. *Ki-n Bugul*. Dakar -. Les Nouvelles Éditions Africaines, 1982.

CARNOY, Martin, Joel Sarnoff, Anton Johnston (et al.). *Education and Social Transition in the Third World*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

CAROL B. Davies and Ann A. Graves Editors. *Ngambika - Studies of 'Women in African Literature*. Trenton : Africa World Press, 1986.

COUTO, Mia 1991. *Cronicando*. Lisboa: Caminho.

----- 1992. *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Caminho.

FALL, Aminata Sow. *L'Appel des Arènes*. Dakar: Les Nouvelles Éditions Sfricaines, 1982.

HALLEY, William. "An African Survey". *Historical problems in Imperial Africa*. Ed. Robert Collins. Princeton: Markus Wiener Publishers, 1996.

WALLACE, Karen. " Women and Alienation: Analysis of the Works of two Fancophone African Novelists." *Ngambika: Studies of Women in African Literature*. Ed. Carol B. Davies. Trenton: Africa World Press, 1986. 63-73.